

CONCORDÂNCIA NEGATIVA: UMA VISÃO DIACRÓNICA

Ricardo Monteiro¹

a2022104497@campus.fesh.unl.pt

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

RESUMO. Neste artigo, o curioso fenómeno da Concordância Negativa é analisado sob um prisma diacrónico, com o objetivo de responder a questões relativas à sua gramaticalidade e elementos constituintes. O conceito da Negação, este tipo específico de construção de negação, assim como os constituintes desta são todos analisados e desconstruídos, com vista a dissecar este fenómeno. Com os processos evolutivos da Concordância Negativa em vista, este trabalho tenta tornar claro o que tornou esta construção gramatical em português e agramatical noutras tantas línguas, fazendo paralelismos entre elas ao longo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE. Negação, Concordância Negativa, Diacronia, Polaridade, Latim.

ABSTRACT. In this paper, the curious phenomenon of Double Negation in European Portuguese is analyzed under a diachronic lens. The goal of this work is of answering questions related to this construction's grammaticality and constituting elements. The concept of Negation, double negation, as well as the elements of the latter are all analyzed and deconstructed with the aim of dissecting this phenomenon. With the evolutionary processes of Double Negation considered, this work attempts to clarify the transformations which rendered this construction grammatical in European Portuguese and ungrammatical in many other languages, all while establishing the parallelisms between the first and the latter ones.

KEYWORDS. Negation, Double Negation, Diachronic, Polarity, Latin.

1. Introdução

O fenómeno da Concordância Negativa é algo bastante peculiar: dois elementos negativos em coocorrência que não assistem ao seu cancelamento mútuo e, em vez disso, cooperam. Para falantes de português, é inegável que enunciados do género sejam bastante

¹ Estudante do 2.º ano de Mestrado em Ciências da Linguagem.

comuns e naturais, não despertando qualquer alerta nos seus interlocutores. O mesmo não podemos dizer sobre línguas como o inglês, onde construções de Concordância Negativa (CN) são consideradas agramaticais e, muitas vezes, associadas a níveis de literacia baixos. Em todo o caso, a verdade é que estas construções existem, podendo ser consideradas como um fenómeno natural, suscitado em várias línguas, com o objetivo de expressar negação (Martins 1997). Afigura-se, então, que os processos evolutivos de certas línguas fizeram com que umas reprovassem a CN e outras a adotassem.

2. O conceito de Negação

À primeira vista, o conceito da Negação parece ser algo tão natural e instintivo para o falante de uma língua natural como a própria aquisição da mesma. Contudo, se a pergunta “como definir a negação?” fosse feita a esses mesmos falantes, muito provavelmente, obteríamos respostas bastante variadas. Peres (2013: 461) define o conceito da negação como a ideia da não pertença a um conjunto². Esta ideia, para além de nos fornecer a resposta à pergunta, expõe-nos também a sua lógica subjacente – a bipolaridade do conceito.

Pressupõe-se que, para a negação se manifestar sobre algo, é necessário que esse algo exista primeiramente como algo não negado. Isto é, a negação de algo pressupõe a sua existência. Esta noção indica-nos, assim, que um *algo* pode ter uma polaridade negativa e uma polaridade positiva. Esta noção é fundamental para entender a questão da negação.

No âmbito linguístico, a negação pode ocorrer de várias formas (Peres 2013: 462), como mostram os exemplos abaixo:

- (1) O João rejeitou o bolo.
- (2) O João é incapaz de comer o bolo.
- (3) O João não comeu o bolo.

No exemplo (1), estamos perante uma negação lexical, a qual é transmitida por via do item lexical *rejeitou*, cuja polaridade é intrinsecamente negativa. Este é um tipo de negação que afeta unicamente o item lexical, não extravasando os seus efeitos para a frase que o contém (Guedes 2001: 10). No exemplo (2), a negação é dada por via morfológica, uma vez que *incapaz* é constituído por um morfema (prefixo) *-in* responsável pela mudança de polaridade na palavra de positiva para negativa. Por último, a negação pode ser igualmente

² Alicerçada na ideia matemática da Teoria dos Conjuntos.

efetuada ao nível sintático, como se observa no exemplo (3), no qual o valor negativo é gerado através da combinação de elementos, sob o escopo de um marcador de negação, neste caso o marcador *não*. Devido à sua natureza de estruturação e ordenação, estas últimas são comumente chamadas de construções de negação (Peres 2013: 462).

3. Construções de Negação

As construções de negação, como foi mostrado acima, têm a especificidade de ter o seu valor negativo veiculado por um **marcador de negação**. Estes marcadores são responsáveis pela natureza negativa de certas frases e sintagmas, bem como por serem itens de polaridade negativa (Guedes 2001: 18). No exemplo (3), estamos perante o marcador de negação *não*. Este marcador de negação deriva do latim *non* e conserva os mesmos valores em português que possuía em latim, sendo o marcador de negação mais frequentemente empregue naquela língua e, curiosamente, também no português atual (Seixas 2013: 28).

Contudo, outros marcadores de negação sintática existem, estando estes associados a subtipos de construções de negação. Atentemos nos exemplos abaixo:

(4) *Nem* todos os Joões comem bolos.

(5) *Ninguém* veio à festa.

Nestes exemplos, comprovamos um tipo de construção negativa específica – a negação quantificacional. Neste tipo de construção, o valor negativo em causa relaciona-se com um valor de quantidade. No entanto, e de forma curiosa, os exemplos acima mostram-nos como este valor negativo quantificacional pode ser veiculado por meio de marcadores de negação diferentes, sendo cada um deles responsável por construir valores quantificacionais diferentes. Se considerarmos o exemplo (5) com mais atenção, notamos que o marcador de negação quantificacional em efeito é o pronome indefinido negativo *Ninguém*. Debrucemo-nos agora sobre estes pronomes indefinidos.

4. Pronomes indefinidos negativos e positivos

Os pronomes indefinidos caracterizam-se por terem um alto nível de vagueza e imprecisão no que diz respeito à sua referencialidade (Raposo 2013: 893). Para além disso, organizam-se em pares: i) *Ninguém* – *alguém*; ii) *Nenhum* – *algum*; iii) *Nada* – *algo*. Isto parece concordar com a ideia inicial de bipolaridade, a qual se aplica a estes pares, sendo um

de polaridade negativa e o outro de polaridade positiva. Ademais, estes pronomes indefinidos negativos são também referidos como expressões **autonegativas** (Peres 2013: 470), isto é, expressões intrinsecamente negativas. Assim, *alguém* tem o valor semântico de *alguma pessoa* e *ninguém* tem o valor semântico de *nenhuma pessoa*.

Estes pronomes indefinidos negativos (doravante apelidados simplesmente de indefinidos negativos) têm a sua origem no latim nos termos *nemo* (ninguém), *nullus* (nenhum) e *nihil* (nada) (Seixas 2013: 29; Martins 1997: 179). Estes termos, em latim clássico, possuíam igualmente uma polaridade negativa, funcionando por si só como marcadores negativos em predicções negativas (Martins 1997: 179). No entanto, em latim vulgar³, os mesmos começaram a poder ocorrer com outros marcadores negativos como se vê nos exemplos abaixo.

[ocorrência por si]

(6) *Is nullus venit.*

(Ele não veio)

[ocorrência com outro marcador negativo]

(7) *Et nulla fontes aquem non abebat.*

(E nenhuma fontes tinham água)

(8) *Iura te non nociturum...nemini.*

(Jura que não farás mal a ninguém)

(Exs. de Martins 1997: 179-180)

Os exemplos (7) e (8) de construções de dupla negação⁴ permitem-nos duas observações pertinentes: a primeira, que estes indefinidos negativos, em latim, podiam coocorrer e, ao mesmo tempo, preservar o seu valor negativo, não se anulando um ao outro; a

³ As referências ao latim serão, na sua grande maioria, ao latim vulgar, do qual as línguas românicas referidas aqui derivam.

⁴ A noção de *dupla negação* é aqui referida com o objetivo de chamar atenção para a construção e não para referir uma “verdadeira” dupla negação, na qual dois itens negativos coexistem anulando-se um ao outro e dando um valor positivo ao enunciado (e.g. Nenhum aluno deixará de vir à festa).

segunda, que a forma como os itens negativos *non* e *nemo/nullus* coexistiam e suas respectivas posições na frase variavam. Por ora, foquemo-nos na primeira observação.

Parece existir um carácter ilógico no facto de dois itens negativos poderem coocorrer, sem que o seu valor negativo seja perdido (Guedes 2001: 23). Com efeito, no latim clássico, era exatamente isto que acontecia (Seixas 2013: 31). No entanto, esta característica começou a ser perdida, e predicções com mais do que um marcador negativo começaram a ser frequentes e comparáveis a predicções com *minimizadores* (Martins 1997: 180). Estas últimas já se davam em latim, fazendo uso de termos como *gutta* (gota) ou *mica* (migalha), dos quais alguns subsistiram em algumas línguas românicas como o francês e catalão, sendo utilizadas em construções de redobro de negação (Guedes 2001: 97).

No entanto, e no que concerne à língua portuguesa, não deixa de ser interessante como marcadores negativos como *Ninguém*, *Nenhum* e *Nada* são frequentemente utilizados em construções nas quais coexistem com o marcador *não*, como mostram os exemplos abaixo:

- (9) Não vi ninguém passar.
- (10) Não há nada a fazer.
- (11) Ele não ouve nenhum barulho.

Assim, levanta-se a questão: como é possível que um marcador de negação (*Ninguém*, *Nenhum* e *Nada*), descrito anteriormente como um item de autonegação, outrora operando singularmente, coexista com outro marcador de negação, *não*?

5. A Concordância Negativa

A resposta à pergunta que encerra a secção anterior reside neste tipo peculiar de negação – a Concordância Negativa. Vários autores discorreram sobre este tipo de construção negativa, como Jespersen, em 1917, falando de um fenómeno de *atração dupla*; Klima, em 1964, apelidando-a de *neg-incorporation*; ou Labov, em 1972, como *regra da atração negativa* (Alves 2020: 37). Curiosamente, parecemos ter bastantes pistas em relação ao fenómeno da Concordância Negativa nos próprios nomes que recebeu.

Seja uma concordância ou atração, Peres (2013: 489) define este tipo de construção como contendo “um elemento negativo pós-verbal que não veicula valor negativo, coocorrendo com um elemento negativo pré-verbal (*não*)”. Guedes (2001: 20) acrescenta que, nestas construções, marcadores negativos como *não* ou *nunca* precedem todas as outras

palavras negativas. Em exemplos como (9) - (11) parecem verificar-se ambas estas definições. Este elemento negativo pós-verbal é definido como um **elemento concordante** e o elemento negativo pré-verbal o **elemento legitimador** (Alves 2020: 37). Assim, teríamos uma estrutura do género abaixo:

(12) E. Legitimador + V + E. Concordante.

(Não vi ninguém)

Parece, então, termos uma breve, ainda que temporária, resposta à nossa questão. *Ninguém*, assim como outros indefinidos negativos, designados como expressões autonegativas anteriormente, no contexto específico de CN, não veiculam valor negativo, servindo apenas de elementos concordantes, sendo o *não* o item de negação com real valor negativo⁵. Na verdade, do ponto de vista semântico, a pedra basilar destas construções de CN é justamente o valor positivo do elemento negativo pós-verbal (Peres 2013).

Nesta senda, estas expressões autonegativas parecem ser um requisito para estas construções ocorrerem numa língua, uma vez que línguas como o basco, o gaélico, o estónio, o finlandês e o lapão não manifestam expressões autonegativas e, por consequência, não são línguas detentoras de construções⁶ de CN (Alves 2020: 36).

Outra questão, brevemente mencionada anteriormente, e que sobressai aqui, é a rigidez desta construção. Se tentarmos alterar a ordem dos elementos de uma construção de Concordância Negativa (CN), o resultado será agramatical:

(13.a) *Não ninguém vi.

(13.b) *Ninguém não vi.

(13.c) *Vi não ninguém.

Observa-se, assim, que uma construção de CN não é flexível para lá da estrutura demonstrada em (12), na qual o Elemento Legitimador surge sempre em posição pré-verbal e o Elemento concordante, isto é, o indefinido negativo, surge sempre em posição pós-verbal.

⁵ Com efeito, o processamento da negação de falantes em línguas que possuem construções de CN é um no qual apenas um valor de negação é registado – o pré-verbal. (Alves 2020: 37).

⁶ É importante referir que existem línguas, como o inglês e o alemão, que possuem estas expressões, mas não permitem construções de CN (Alves 2020: 36). Assim, uma língua possuir estas expressões não é sinónimo de possuir CN, todavia, não as ter é sinónimo de não ter CN.

Contudo, como se notou anteriormente, nos primórdios desta construção em latim, os dois marcadores negativos podiam alternar as suas posições. Na verdade, a posição na frase dos dois marcadores negativos (*não + indefinido negativo*) não era importante tanto no latim como no português medieval⁷ – o que era realmente importante era a sua coocorrência (Martins 1997: 180). Como foi referido acima, a estrutura de CN, nestes casos, assemelhava-se muito mais a uma de negação com minimizadores, sendo um elemento de negação dependente do outro. Assim, a estrutura não era o que entendemos hoje por uma construção de CN, mas mais uma de “negação redobrada”, a qual seria obrigatória em línguas da România Ocidental (Martins 1997: 181).

Com isto em mente, uma outra questão se levanta: o que fez com que isso mudasse?

Antes de avançar, resumimos abaixo o que foi postulado até agora:

- Atualmente, indefinidos negativos como *Ninguém, Nenhum e Nada* não transmitem um valor negativo em construções de CN.
- Atualmente, a ordem sintática dos elementos coocorrentes numa CN é inflexível.
- Outrora, em línguas românicas, a utilização de indefinidos negativos requeria sempre outro marcador de negação. Esta “negação redobrada” era obrigatória (sendo uma característica de línguas Proto-Romance) e não exigia uma posição fixa destes elementos negativos na frase.

6. A Polaridade

De forma a responder à questão colocada acima, é necessário atentar novamente em algo – aqui já mencionado – e que se considera fulcral em toda a questão – a polaridade. Atrás, foi mostrado como a polaridade pode ser entendida como negativa ou positiva, a propósito dos pares de indefinidos negativos e positivos. No entanto, esta questão parece não se ter verificado sempre da mesma maneira. Para melhor entendermos este assunto, é essencial adotarmos, novamente, uma visão diacrónica destes marcadores negativos.

No período medieval (séc. XIV), os indefinidos negativos apontados até agora concretizavam-se não só em contextos negativos, mas também em predicções não negativas (Martins 1997: 183; Moreno 2005: 233). Em muitos casos, estes indefinidos ocorriam em construções com verbos modais, ostentando assim valores de proibição, imperatividade, dúvida e hipótese, em vez de valores puramente negativos. Tal como anteriormente, esta

⁷ Assim como no galego, castelhano, catalão, francês e italiano.

particularidade não era algo que apenas se manifestava no português, mas também noutras línguas românicas.

Tendo em conta esta polivalência de concretizações, existe uma distinção entre **polaridade forte e fraca** (Martins 1997: 183). Deste modo, os indefinidos negativos revelam uma polaridade forte quando se manifestam em contextos de negação – sendo esta a mais frequente – e uma polaridade fraca quando se manifestam em contextos “modais”⁸.

[ocorrência com verbo modal]

- (14) Mas Africa dirá ser impossíbil/ Poder ninguém vencer o rei terribil.
 (15) De guisa que hu tamtas virtudes aviam morada, aadur podia nehuu cuidar (...)

[ocorrência com valor proibitivo]

- (16) E por decreto publico foi defeso que ninguem navegasse.

[ocorrência com polaridade forte – negativa]

- (17) Que nenhuu nã scapou (...)

(Exs. de Martins 1997: 185-193)

Curiosamente, fenómenos do género, isto é, situações nas quais indefinidos negativos ostentam polaridade fraca, não se cingem a contextos de manifestação de valores modais. No caso de *jamaís*, este revelava um valor aspetual (Frade 2010).

- (18) E assi temperava e castigava nom soo a si mais ainda aas companheiras, tirava de muitas vaaidades e acrescentava em virtudes. Sempre jamaís houve em avorrecimento, trajos desonestos e curiosos e amava em elles muito a honestidade, simpreza e humildade. (Flos sanctorum (Flores de direito), 1513).

(Ex. de Frade 2010: 18)

Por sua vez, Martins (2015: 403) advoga que um fenómeno semelhante é visível, mas de uma forma inversa, no indefinido positivo *algum*. Neste caso, *algum* possui uma polaridade forte (ou polaridade positiva) na maioria dos casos, todavia, noutras instâncias pode também adquirir uma polaridade fraca (polaridade negativa), como mostram os exemplos abaixo.

⁸ O mesmo pode ter acontecido, embora noutra época, a outros marcadores negativos como *nã*, cuja modalidade pode ter sido desdobrada em forte e fraca, sendo esta última manifestada em contextos de negação expletiva (e.g. Não tarda muito começa a chover!) (Martins 1997: 199).

- (19) *Algum comboio* há de passar nesta estação.
 (20) *Comboio algum* há de passar nesta estação.

Como é patente acima, a diferença entre a manifestação de polaridade forte e fraca no caso de *algum* está relacionada com a sua posição na predicação – em posição pré-nominal adquire uma polaridade forte (positiva), ao passo que em posição pós-nominal passa a possuir uma polaridade fraca (negativa). Há, assim, uma relação entre a polaridade e a posição do indefinido na frase. Embora o mesmo não se revele da mesma forma no caso dos nossos indefinidos negativos, não é errado relacionar estes dois, tendo isto em mente. Como se mostrará de seguida, é este desdobramento de polaridade que está na origem da atual ordem sintática rígida de construções de CN.

7. A Polaridade a mudar

Até agora, concluiu-se que indefinidos negativos como *Ninguém, Nenhum e Nada* nem sempre possuíram uma polaridade exclusivamente negativa, exibindo também uma polaridade de natureza modal. Martins (1997: 186) defende que indefinidos negativos com polaridade forte (negativa) apenas podiam ser legitimados em predicções negativas, assim como indefinidos negativos com polaridade fraca apenas podiam ser legitimados em predicções de natureza modal.

No caso da primeira ocorrência, o indefinido negativo ocorreria sempre acompanhado por outro marcador de negação. Isto devia-se ao facto de não ser o próprio indefinido que legitimava o contexto negativo, mas sim a presença de um marcador puramente negativo e sem ambiguidade – o *não*. A juntar a isto, esta oscilação entre polaridade forte e fraca dava azo também a ocorrências de indefinido pré-verbal + *não*, tal como se observa em (17), visto que existe uma frequente ambiguidade no seu uso⁹.

No segundo caso, isto é, em contextos modais, o indefinido podia aparecer isoladamente, adquirindo desta forma uma polaridade fraca, como se nota em (14) - (16). Para além disso, em exemplos como (21) (sendo (21a) uma reprodução do exemplo presente em (14)), o indefinido positivo em causa tem de tal maneira uma escassez de polaridade negativa que, sendo substituído pelo indefinido positivo equivalente, não levaria a uma alteração no que está a ser predicado (Moreno 2005: 233).

⁹ Martins (1997: 190) refere uma possibilidade sintática para estas ocorrências, porém, considera-se esta natureza sintática fora do escopo deste trabalho.

(21.a) Mas Africa dirá ser impossíbil/ Poder ninguém vencer o rei terríbil.

(21.b) Mas Africa dirá ser impossíbil/ Poder alguém vencer o rei terríbil.

O “problema” surge quando a polaridade destes indefinidos negativos muda novamente. Esta polivalência no que diz respeito à sua polaridade fraca (modal) é lentamente perdida ao longo dos séculos, tendo os indefinidos negativos atualmente uma polaridade que é exclusivamente forte (negativa) (Martins 1997: 194). Contudo, antes de se chegar a este ponto, existiu uma flutuação entre as duas, levando a vários usos dúbios destes elementos, nos quais muitas instâncias de indefinido pré-verbal + *não*, assim como indefinidos negativos empregues com valor modal, foram detetadas.

Em suma, a flutuação de modalidades destes indefinidos (negativos e positivos) é a razão para o seu uso diferenciado, assim como a sua diferente ordem, nos séculos anteriores. Da mesma forma, a sua mais recente alteração de polaridade está na origem de estruturas e usos atualmente considerados gramaticais.

Curiosamente, outras línguas preservaram o uso modal dos seus indefinidos, como o castelhano, galego, italiano, francês e catalão (Martins 1997: 193). Nestas, conserva-se igualmente uma alternância entre o indefinido negativo e positivo (22), tal como uma ordem oposta em construções de CN (23)¹⁰.

[Catalão – Alternância entre Indef. Neg. e Indef. Pos.]

(22.a) Que et passa *res*?

(22.b) Que et passa *alguna cosa*?

[Francês – Indef. Neg. + não.]

(23.a) *Personne n’est arrivé.*

(23.b) **Personne est arrivé.*

No português moderno, o qual só permite a ocorrência destes indefinidos em contextos de polaridade forte (negativa), exemplos como os apresentados acima seriam considerados agramaticais.

¹⁰ O uso de indefinidos pré-verbais em adjacência com o marcador negativo *não* também está documentado no catalão, contudo, possui uma natureza estilística ou dialetal (Moreno 2005: 234).

Voltando à questão das construções de CN, podemos notar que a sua estrutura é mais rígida em razão desta mesma característica relacionada com a polaridade. Como vimos anteriormente, em construções de CN, o indefinido negativo não carrega valor negativo e comporta-se como um elemento concordante. A razão para a possibilidade deste comportamento tem que ver efetivamente com a sua evolução diacrónica. Ainda que detentor de uma polaridade puramente negativa, provada pela sua legitimação num contexto negativo, o indefinido negativo é capaz de, em si, não transmitir um valor negativo, requerendo um outro (*não*) para gerar o contexto negativo e, conseqüentemente, tornar a predicação gramatical.

Resumindo:

- As razões para a ordem dos elementos numa construção de CN, assim como para os seus papéis de legitimador e concordante, estão relacionadas com a polaridade forte e fraca adquirida em estádios anteriores da língua portuguesa.
- Os indefinidos negativos no português moderno possuem, ao contrário de outras línguas românicas, uma polaridade exclusivamente forte.

8. Uma questão de posição

Por último, é também importante mencionar uma outra especificidade desta questão. Consideram-se respondidas as questões aqui levantadas, relacionadas com as características das construções de Concordância Negativa; contudo, uma subsiste: porquê a ordem *Não* – Verbo – Ind. Negativo?

Recupere-se a estrutura de uma construção de CN:

(24) E. Legitimador + V + E. Concordante.

(Não vi ninguém)

Como foi mostrado anteriormente, o elemento concordante não manifesta um valor negativo, sendo este dado pelo elemento legitimador. A razão para que este fenómeno se manifeste nesta ordem está intimamente ligada à predicação em si. Em construções CN, não basta apontar os elementos pré-verbal e pós-verbal e atribuir-lhes uma concordância; é necessário cumprirem determinados requisitos de dependência estrutural frásica, caso

contrário será agramatical (Guedes 2001: 20). Esta dependência é provada pelos exemplos abaixo:

(25) *O Rui *não* viu e a Maria encontrou *ninguém*.

(26) O Rui *não* viu *nada* e a Maria *não* encontrou *ninguém*.

Em vista disto, Moreno (2005: 247), considerando esta ideia e alicerçado na Teoria Enunciativa¹¹, postula que existe uma relação predicativa entre os elementos envolvidos na frase¹². Para o autor, o termo legitimador, sendo um elemento pré-verbal, tem a função de dar à predicação uma polaridade negativa, a qual, por sua vez, irá ser necessária para a ocorrência do indefinido negativo como elemento concordante. Desta forma, sendo o elemento legitimador aquele que é responsável por atribuir a polaridade negativa, este tem, assim, de fazê-lo anteriormente à manifestação do elemento concordante.

Curiosamente, indefinidos negativos como *nada* e *ninguém* podem realizar-se em ambas as posições – como elementos legitimadores ou concordantes – como se nota nos exemplos abaixo, não sendo o *não* o único marcador negativo passível de ser um elemento legitimador em construções de CN.

(27.a) Nada disse a ninguém.

(27.b) Ninguém disse nada.

Como afirma Moreno:

Sintetizando, independentemente do lugar de argumento (...), independentemente da função sintática, o termo *nada* pré-verbal constitui um localizador predicativo e, em posição pós-verbal, o termo *nada* perde essa função. Como localizador predicativo, o termo *nada* **orienta** negativamente a relação predicativa, (...) o termo *nada*, como localizador intermédio, **assegura** que a relação predicativa orientada será não validada pelo sujeito de enunciação.

(Moreno 2005: 247)

¹¹ Mais uma vez, não se atribui preferência a teorias específicas, nem se tenta explorar de forma muito profunda a teoria em si; apenas se tem em conta o que se considera ser lógico e justificável fora da escola teórica em si.

¹² Esta relação predicativa identifica-se ao longo da leitura da predicação, a qual é sempre, em todas as línguas mencionadas aqui, da esquerda para a direita.

Por outras palavras, as posições pré-verbal e pós-verbal estabelecem relações diferentes com a predicação, sendo a primeira orientadora e a segunda garante do valor negativo da predicação. Apesar de ambas as posições e os respetivos elementos nelas concretizados terem papéis diferentes, estas estão em harmonia uma com a outra e operam com o mesmo fim – o da negação. Assim, existe uma concordância entre os dois elementos, o qual justifica na íntegra o nome das construções aqui analisadas – construções de Concordância Negativa.

9. Conclusão

As páginas anteriores tiveram como objetivo dissecar e explicar o fenómeno da Concordância Negativa em português. Foi evidenciado que este tipo de construção se compõe por um elemento negativo e um outro elemento que, apesar de ser morfológicamente negativo, não transmite valor semântico negativo. Por si própria, esta conclusão seria suficiente para justificar o carácter ilógico da CN, assim como o nosso uso da mesma. Contudo, uma visão diacrónica da construção mostrou-nos que esta já existia no latim, porém, com uma natureza distinta – primeiramente como uma construção de dupla negação, e depois como mais semelhante à atual, sem ser idêntica. Esta mesma visão diacrónica revelou-nos também que a própria ordem dos elementos na frase mudou ao longo dos tempos, estando intrinsecamente ligada à constante mudança de polaridade dos indefinidos negativos em uso.

Em síntese, e recuperando algo que foi dito no início deste trabalho, a CN insere-se nas diferentes variedades de negação e, tal como estas existem para transmitir um valor semântico específico, também a CN o faz. Todavia, esta construção de negação parece distinguir-se de todas as outras pela sua evolução nas línguas românicas, mas, acima de tudo, pela sua persistência e até existência em línguas cujas gramáticas simplesmente não as aceitam, sendo impossível prever o seu rumo futuro.

Referências

Alves, I. 2020. Concordância negativa transfrásica no português europeu: o papel das propriedades semânticas do predicado. Tese de Mestrado em Linguística, Universidade de Lisboa. Repositório Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/45939/1/ulflibmalves_tm.pdf

- Frade, M. 2010. A negação em ‘jamais’. Cadernos WGT (Workshop Gramática e Texto) – A negação. Lisboa. Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). 13-29.
- Guedes, C. F. F. 2001. Sujeitos negativos e concordância negativa em Português numa perspectiva de sintaxe comparada. Tese de Mestrado em Linguística Descritiva, Universidade do Porto. Repositório Universidade do Porto. <https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/13061>
- Martins, A. M. 1997. Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas: Da natureza de palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém*. I. Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: vol. 2: 179-210.
- _____. 2015. Ordem de palavras e polaridade: inversão nominal negativa com *algum/alguno* e *nenhum*. Diacrítica 29: 401-428.
- Moreno, A. 2005. Aspectos da Negação no Português: uma Abordagem Enunciativa. Tese de Doutoramento em Linguística, Universidade Nova de Lisboa. Repositório Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/124105>
- Peres, J. 2013. Negação. Gramática do Português, (Vol. I, 461-500). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E.; Miguel, M. 2013. Pronomes. Gramática do Português (Vol. I, 711-712). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Seixas, V. C. 2013 A negação sentencial em textos dos séculos XVIII e XIX: estrutura inovadora em foco. Tese de Mestrado em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto. Repositório Universidade Federal de Ouro Preto. <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/4116>